



Ação moral e ontologia digital na América Latina: considerações a partir do pensamento de Rafael Capurro¹

Moral action and digital ontology in Latin America: considerations from the thinking of Rafael Capurro

Cristian Berrio-Zapata *

Ricardo César Gonçalves Santana **

RESUMO

Este artigo percorre várias das discussões do professor Rafael Capurro, filósofo uruguaio, residente na Alemanha, a respeito do surgimento de uma ontologia digital na América Latina, e as problemáticas que isso gera na ausência de pesquisa que permita entender o que está acontecendo e quais podem ser seus custos a partir da perspectiva da construção de uma ação moral. O diálogo e o conflito entre a esfera global e local, a percepção de neutralidade a respeito dos dispositivos digitais, a carga paradigmática das tecnologias e ciências que vasculham o desenvolvimento informático, as patologias associadas ao ser digital e os problemas éticos que ele induz são os temas que este documento discute, baseado na obra do professor Capurro.

Palavras-chave: Ação Moral; Ontologia Digital; América Latina; Rafael Capurro; TIC.

ABSTRACT

This article covers some of the discussions proposed by Rafael Capurro, the Uruguayan philosopher resident in Germany, about the emergence of a digital ontology in Latin America, and the problems it generates in the absence of research that allows understanding what is happening, and what may be its costs from the perspective of building moral action. The dialogue and conflict between the global and local spheres, the perception of neutrality with respect to digital devices, the paradigmatic weight of technologies and sciences that search computer developments, the pathologies associated with digital being, and the ethical problems it induces are the topics that this document discusses based on professor Capurro's work.

Keywords: Moral Action; Digital Ontology; Latin America; Rafael Capurro, ICT.

¹ Agradecimentos a Ester Ferreira da Silva por seus conselhos na correção deste artigo. E dedicamos este artigo ao professor Rafael Capurro, que compartilhou generosamente conosco suas ideias durante o VII EIIICA organizado pela Unesp Marília no ano de 2011.

* Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Unesp Marília. Pós-doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina; Endereço: Centro Ciências da Educação, bloco B, sala 105, campus Professor João David Ferreira Lima Bairro, Trindade, CEP 88.040-900, Florianópolis, SC. Telefone: (48)3721-2234. E-mail: cristian.berrio.research@gmail.com.

** Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Unesp Marília. Professor assistente na Universidade Estadual Paulista Unesp Tupã. Endereço: Rua Domingos da Costa Lopes, 780, Jd. Itaipu, CEP 17602-496, Tupã, SP. Telefone: (14) 3404-4200. E-mail: ricardosantana@marilia.unesp.br.

INTRODUÇÃO

A importância em refletir sobre o estado da ação moral,² diante das fortes mudanças tecnológicas que presenciamos na sociedade global em rede, está ligada à nossa capacidade recente como espécie para destruir o mundo. Refletir, baseados numa hermenêutica latino-americana, fica igualmente importante se pensarmos em preservar a identidade num mundo dominado por forças alheias ao nosso território cognitivo. O trabalho de Rafael Capurro, filósofo uruguaio, estuda a amálgama entre o ser latino e a perspectiva global. Este trabalho percorre sua obra, procurando identificar elementos-chave para a construção de uma ética³ própria a partir da compreensão da ontologia digital emergente na América Latina.

A ação moral é aquela atuação fundamentada e, portanto informada, por meio da qual o sujeito, de maneira autônoma e responsável, faz uma escolha, atuando de forma individual e conjunta, porquanto é parte de um tecido social vivo que ajuda a alimentar, processar, modular e armazenar todos os juízos feitos (atuais e históricos, individuais e coletivos), e, baseados neles, estabelecer padrões para as ações resultantes. Pela sua natureza, a ação moral está fundamentada na informação e comunicação (CAPURRO, 2011), e resulta de juízos e decisões feitas sobre projeções de futuros desejáveis na perspectiva do agente decisor e seu núcleo sociocultural. Portanto, as decisões presentes sobre fatos por vir em anos, meses, dias ou segundos, só podem ser avaliadas depois de feitas e quando as suas consequências já aconteceram. Isso explica o papel fundamental da informação no momento de escolher e tentar a arriscada aventura de antecipar o futuro (SIMON; MARCH, 1958).

Todo homem é uma encruzilhada das vontades dos outros homens, por meio do acordo, da confrontação, da memória, das instituições, crenças e valores, o sujeito autorregulado ajusta o alcance dos seus direitos e obrigações (COMMONS, 2003). A ação moral está baseada em processos informacionais de negociação de significado. Dentro desses processos, coexistem forças em conflito, descritas nos conceitos de agência e assimetrias de informação (ROSS, 1973), oportunismo (COASE, 1988; WILLIAMSO; MASTEN, 1999), racionalidade limitada (SIMON, 1997), juízos estereotipados (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979) e irreversibilidades (HENRY, 1974).

Todo elemento que afete a informação e a comunicação muda essa trama de decisões em formas complexas e silenciosas, influenciando a sociedade de maneiras distintas. Essa sutileza e complexidade dificultam a percepção do surgimento de uma nova ontologia. No caso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), encaramos o surgimento de uma nova interpretação do nosso ser *por meio* do horizonte digital (CAPURRO, 2011). Nos países “em desenvolvimento”, a onda

² É importante fazer notar que Rafael Capurro refere a “Ação moral” e não simplesmente “Moral”. Se a definição geral de moral tem relação com o conjunto de normas, costumes e regras para julgar o comportamento das pessoas a respeito do seu caráter bom ou mau, a ação moral é um exercício real e permanente dessa capacidade nos fatos e no comportamento. O mais interessante da perspectiva de Capurro é a percepção de que a ação moral é um processo informacional em rede.

³ O significado de “Ética” vai ser tomado neste artigo como referência a um corpo de conhecimento organizado que estuda a moral e as suas relações com o comportamento humano, a comunidade local e a sociedade global. Aliás, enquanto esta definição implica pensar na ética filosófica, a definição de ação moral de Capurro leva a concluir que é possível construir a ética como um exercício coletivo, organizado e rigoroso, como uma competência das sociedades que não necessita se restringir às faculdades de filosofia, nem pertencer somente aos acadêmicos dessa disciplina. Todo cidadão deve ser formado em competências éticas, o que implica um grau mínimo de rigorosidade, informação e debate nas suas ações se é que elas vão ser moralmente consistentes.

tecnológica e a força comercial que a suporta, bate mais forte porque são sociedades estranhas ao mundo em rede. Ainda não tiveram tempo para digerir criticamente o novo sistema, quando já devem aceitá-lo como paradigma de fato. Sem espaços de reflexão, sem pesquisa sobre os efeitos colaterais das TICs, sem construir capacidades críticas e éticas para agir moralmente a partir de uma ontologia digital própria.

Neste artigo, percorrem-se as distintas dificuldades que essa situação apresenta para América Latina como região em desenvolvimento, recentemente colonizada pelas TICs, tomando por base o extenso trabalho desenvolvido por Capurro.

ENTRE A MONOCULTURA LOCAL E METACULTURA GLOBAL

Já na virada do milênio, Rafael Capurro tratava das perspectivas de uma cultura digital na América Latina e indicava as dificuldades para antecipar o futuro, mas advertia sobre a necessidade de não assumir esse cenário como um advento iniludível (CAPURRO, 2000b). Aludindo a Ortega y Gasset, Capurro pedia “fabricar-nos tecnoculturalmente” dentro de um programa existencial próprio, e assinalava que o projeto da cultura digital, por ser universal, não era menos artificial que seus antecessores: a imprensa, a escrita e a língua. O poder das TICs para penetrar os meios de produção criou um fenômeno global de múltiplas mestiçagens culturais no ciberespaço, a maioria delas por força da sedução comercial e da violência simbólica.⁴

A América Latina iniciou sua integração com o mundo em rede entre as décadas de 1980 e 1990, e o impacto desse processo foi monitorado com ênfase no desenvolvimento quantitativo, descuidando de problemas qualitativos, como a construção de uma cultura digital própria (CAPURRO, 2000b). E como todo meio melhora, mas, também, amputa a consciência sensível das comunidades em que atua (MCLUHAN, 1969), era necessário interrogar essas sociedades sobre os elementos que podiam estar sendo amputados pela cultura digital nascente, e Capurro e Ortega y Gasset concordavam com a necessidade de “domar o livro enfurecido”. Pode-se transportar essa imagem para as TICs, e concluir que se faz necessário “domesticar as redes avassaladoras”. Esta é uma missão para a ciência da informação, mas também para o Estado e a educação. Para criar uma cultura digital nativa, é necessário forjar internautas competentes que diferenciem a apropriação tecnológica da assimilação sociocultural (BERRÍO-ZAPATA, 2012).

Assim, aprofundar uma ética informacional intercultural é entender e dimensionar a estrutura resultante entre a mediação digital e as suas distintas tradições (CAPURRO, 2009b). Por “tradições”, definem-se aqueles comportamentos e arquiteturas informacionais características do local, não só da comunidade científica, mas do cidadão em geral.

A tendência de convergência tecnológica apagou as fronteiras entre os antigos *mass media* e os *new media*, mudando a natureza das redes de uma arquitetura da informação focada na ciência para um “dispositivo” (DELEUZE, 1992) de controle social e homogeneização cultural. O enfrentamento entre o local e o global nas TICs

⁴ Aplica-se a definição de Bourdieu de “violência simbólica”, como ação semiótica de um “dominador”, exercida de forma encoberta contra o “dominado”, que não a percebe ou não tem conhecimento dela, e, portanto, faz-se cúmplice da dominação a que está sujeito (BOURDIEU; PASSERON, 2001).

levou a uma polarização entre as visões de globalização e antiglobalização.⁵ A sociedade digital global tende a estereotipar nossa visão do mundo sob a manipulação comercial e política de minorias poderosas e de governos (BROCKMAN, 1996; BUCY; NEWHAGEN, 2004). Essa manipulação criou o que Morozof nomeou de “ciber-utopia” e “internet-centrismo” (MOROZOV, 2012):

If there is a danger of building stereotypes, there is also one of overlooking not only concrete or ontic but also structural or ontological differences by claiming a single world culture that mostly reflects the interests and global life style of a small portion of humanity (CAPURRO, 2009b).

A construção de uma cultura digital encara perigos que Capurro (2009b) descreve, parafraseando Charles Ess, como a homogeneização cultural etnocêntrica. O discurso *web*, segundo Toru Nishigaki, citado por Capurro, mostra semelhanças com o discurso religioso. Uma circunstância também denunciada por Pierre Lévy (LÉVY, 1999), e que clama por um acompanhamento crítico. Existe um problema de fragmentação cultural e moral na sociedade da informação, fala Capurro citando Terrell Ward Bynum, e múltiplos problemas de relacionamento entre o local o global por conta dos valores universais forçados nos valores locais, que, segundo Bernd Frohmann, citado por Capurro, podem pulverizar o “*free oneself*”.

Diante de todas estas possibilidades de chauvinismo etnocultural, faz-se necessário um equilíbrio que defenda a diversidade e “órgãos de ciência” a fim de identificar os fenômenos de violência simbólica mimetizados no digital, para criar estratégias de escape da internet como instrumento de opressão. Também é urgente um acordo de “mínimos interculturais” baseado em princípios de liberdade, igualdade, benevolência, e a mínima intervenção sobre a livre vontade. Múltiplas culturas com grande diversidade seriam capazes de construir um contexto que poderia conduzir ao florescimento humano.

Os meios digitais não conduzem à escravidão ou à liberdade, mas precisam responder a questão sobre qual é o valor do local e do sujeito. Como instrumento de mecanização e industrialização da linguagem, a rede é um catalisador e acelerador dos processos humanos. Capurro acredita numa saída para a polarização entre a monocultura local e a metacultura global, por meio da reflexão sobre os fatos interculturais. Nesse espaço, uma ética informacional intercultural (EII) pode atuar como mediadora, baseada no estudo do digital a partir da ontologia (o desenvolvimento das relações entre os seres e o mundo) e da ótica (as características e natureza profunda dos seres).

ALGORITMOS COM CONSCIÊNCIA?

Rafael Capurro examinou a hermenêutica da problemática do digital (CAPURRO, 2000a), para desconstruir o conceito de informação nas redes digitais baseado nos fatos que marcaram o fim da modernidade:

- a) O abandono da ciência e do pensamento racional como monopólio do conhecimento.

⁵ Esta hipótese foi formulada por Pipa Norris para explicar a radicalização recente dos movimentos étnico-religiosos, na sua teoria sobre a comunicação cosmopolita (NORRIS; INGLEHART, 2009).

- b) O abandono da divisão entre o objetivo e o subjetivo.
- c) A reavaliação do conhecimento como substância separada do ser humano.

A ciência positiva e a racionalidade cartesiana tinham fragmentado o conhecimento na procura de uma verdade universal, mas a objetividade provou ser um acordo social de subjetividades. Com a internet, o conhecimento se integrou nos meios. A ideia clássica de verdade e conhecimento enciclopédico, base da modernidade, entrou em crise. Assim, o conhecimento ficou dessacralizado, fragmentado e espalhado ao longo da extensão da rede informática global.

Aliás, apesar da globalização digital dos saberes, o sujeito informacional ainda é um ser preso no tempo e lugar. Coletar informação é um ato de articulação de fragmentos com um contexto, um espaço aberto para a troca das isotopias⁶ contidas nesses fragmentos de conhecimento, nas arquiteturas de informação que as contêm, e nas tecnologias que as suportam. Aquilo que a rede mostra como “universal” pode coincidir ou colidir com as classificações do sujeito local. Esse é o processo de “fusão de horizontes” de Gadamer, citado por Capurro (2000a), o armazenamento e recuperação de informação que articula hermeneuticamente o mundo existencial e a compreensão do sujeito local com o mundo globalizado instituído como “universal” dentro da internet. A rede, como tecnologia, mas também como instituição, atua ao mesmo tempo nessa articulação para liberar e constringer o sujeito (COMMONS, 2003).

No horizonte de pré-compreensão do usuário (sua visão classificatória e percepção do conteúdo prévio no momento de articulação com a arquitetura informacional), existe uma estrutura de preferências que define seus critérios de “relevância”. A hermenêutica, afirma Capurro (2000a), deve identificar esses critérios, e as estruturas de relevância próprias do discurso e da retórica das arquiteturas da informação, que, de igual forma, precisam do seu contexto de origem para ser compreensíveis.

As redes de dados por sua natureza de dispositivo⁷ forcem um contexto “universalizante”, mas, sua matéria-prima, a linguagem, é um fenômeno que precisa de contexto para não perder seu sentido. Sem contexto, a língua perde sua ancoragem de conhecimento prático, e passa a ser padronizada por visões globais, fragmentárias e estereotipadas, que vão corroendo as ontologias locais. Esse é um processo de violência simbólica, pois não existe escolha: o contexto globalizador está em todos os lados, nas vitrines, no transporte, na TV, na internet, atingindo o usuário com mensagens massivas e reiteradas. As redes de dados foram “higienizadas” da sua hermenêutica particular e colocadas como elemento “neutro”. Desse jeito, tornam-se dispositivos de poder que reduzem a variabilidade discursiva, aturdindo os sentidos dos usuários com isotopias automatizadas pelas mídias.

O interesse numa hermenêutica digital está se perdendo (CAPURRO, 2010) pela naturalização da arquitetura informacional digital e pelos esforços maciços para popularizá-la, na procura de horizontes de lucro e expansão comercial. Capurro acredita que pela natureza lógico-matemática da máquina digital, seu agir é incompatível com o interesse hermenêutico de procura do sentido humano. Mas

⁶ As representações que inseridas em todo objeto e ação humana guiam semioticamente as rotinas dos usuários e moradores dessas estruturas, incluindo elementos socioculturais e ideológicos que irão marcar e conduzir sutilmente as rotinas das comunidades que as acolham (BLIKSTEIN, 2003).

⁷ Deve-se remeter ao conceito de dispositivo proposto por Foucault e Deleuze para entender que toda máquina, seja mecânica ou eletrônica, é um veículo discursivo e de dominação (DELEUZE, 1992).

adverte que independentemente dos conflitos entre o humanismo antitecnológico e a metafísica digital, a realidade é que a percepção de nosso ser está sendo interpretada a partir de um horizonte digital. Mudanças de racionalidade e avanço tecnológico são inseparáveis. A situação hermenêutica atual é uma articulação de híbridos: máquina-homem e máquina-sociedade. O humano não é substituído, mas deslocado na sua língua, semiótica e historicidade, por estruturas de comunicação, processamento e armazenagem artificiais (SERRES, 2003).

Para Capurro, a hermenêutica tem o desafio da compreensão e construção do sentido do código digital. Aliás, deve desconstruir uma visão social que entende sua vivência ontológica do *self digital* algo óbvio e natural. Porém, o sujeito hermenêutico que se constrói como digital, reconhecendo esta situação, consegue capitalizar a ontologia universal entendendo que ela não é neutra. A hibridação requer uma reinterpretção da simbiose entre os processos naturais e artificiais. Citando Gadamer, Capurro conclui que a hermenêutica, como parte da construção ética fundamental, é também construtora das instituições e do sentido comum. Uma hermenêutica da rede pode potencializar uma reflexão crítica global ou uma padronização mundial.

As arquiteturas informacionais digitais (*software* elaborado sobre *software* e ancorado em *hardware*) são “estruturas conversacionais” que refletem dimensões humanas, argumenta Capurro citando Terry Winograd e Fernando Flores (CAPURRO, 2010). O mesmo argumento foi examinado por Morin na sua análise dos algoritmos. Estes são códigos para a solução de problemas, que fazem dos computadores uma analogia dos seres vivos na atividade da computação⁸ (MORIN, 1988). As infraestruturas de *hardware* e *software* são arquiteturas discursivas vivas, que têm uma ontologia fruto de uma trajetória hermenêutica. Capurro vai insistir sobre a natureza do conhecimento como uma substância não isolada dos seres humanos, mas replicada e embutida nas criações da tecnologia da informação.

Desse encontro entre as ontologias embebidas em máquinas simbólicas com as ontologias dos sujeitos informacionais resulta o problema da relevância tão estudado na ciência da informação (SARACEVIC, 1970; 1975; 2007). Assim, o sujeito, para recuperar fragmentos de informação em uma base de dados, requer um contexto conceitual. A hermenêutica pode mediar essa negociação de sentido dialético entre o sujeito e as arquiteturas de informação digital, mas essa possibilidade está debilitada pela avalanche de informação e a penetração descontrolada da artificialidade digital nos usuários (“*bodies in technology*” versus “*technology in bodies*”).

A análise de Capurro conclui que se a hermenêutica não consegue um despertar crítico, a *infosfera* pode se tornar um centro de poder absolutista da sociedade global, endurecendo o código informacional e criando a ditadura dos *new media*. A pergunta hermenêutica sobre quem somos, a partir do horizonte local e global do digital, pode ser uma tomada de consciência moral e crítica sobre a própria vida, a comunidade, o país, o globo. Podemos ser algoritmo, mas com a consciência disso e com a capacidade de encontrar alternativas, fazendo escolhas informadas e sustentadas.

⁸ O nome “computador” vem da raiz latina *computare*, que significa contar, somar, reconhecer ou solucionar, uma atividade de todo sistema que enfrenta um ambiente, seja um ser vivo ou uma máquina. O alvo do sistema é solucionar problemas.

PARADIGMAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ÉTICA E EPISTEMOLOGIA

Para Capurro, existem três paradigmas epistemológicos na ciência da informação: o físico, o cognitivo e o social. A ciência da informação (CI) nasceu no século XX sob o paradigma físico, que foi questionado pelo paradigma cognitivo. E este último paradigma está sendo criticado e complementado agora pelo paradigma social, que está em crescimento na era digital (HAHN; BUCKLAND, 1998; MCCRANK, 2001; TALJA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005; TUOMINEN; SAVOLAINEN; TALJA, 2005). A visão epistemológica da ciência da informação se debate entre múltiplos conceitos de informação, suas teorias e campos de aplicação (CAPURRO, 2007). Infelizmente, nesses debates a tecnologia da informação é deixada fora da discussão filosófica, mantendo uma forte confusão entre informação e tecnologia.

No paradigma físico, a teoria clássica da comunicação de Shannon e Weaver reduziu a informação à sua natureza física. Essa analogia da máquina foi refinada pela cibernética de Norbert Wiener e pela teoria de sistemas, para estender ao mundo social e aos fenômenos auto-organizados e autopoieticos (MORIN, 1988; FOERSTER, 1991; MATURANA; VARELA, 1994; LUHMANN, 2005).

O paradigma cognitivo propôs uma epistemologia entre naturalista e tecnológica, em que os processos cerebrais e da cognição modelaram ferramentas de processamento de dados e inteligência artificial. Nessa sinergia máquina-cérebro, o computador tornou-se cada vez menos visível. A tendência mecanicista da ciência da informação foi reforçada pela confusão histórica entre a ciência documental e a ciência da computação, dentro do projeto de domínio e automatização do acervo científico do Ocidente (ZUBOFF, 1988; MCCRANK, 2001; LYOTARD, 2004). Essa era uma visão racionalista da classificação e recuperação da informação, por intermédio de projetos universalizantes como aquele de Paul Otlet e Henri Lafontaine (RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997).

O paradigma social, para Capurro, considera a simbiose homem-máquina como uma negociação de sentido entre um sistema técnico-social, originário de uma coletividade dominante, com as comunidades de usuários espalhadas pelo mundo. O papel do usuário e do sistema foi revalorizado dentro de uma intersubjetividade semiótica e construtivista. Como conclusão, volta a emergir o conceito de relevância como protagonista da mediação entre sistema e sujeito.

Citando Thomas Froehlich, Capurro chama a atenção sobre essas três hermenêuticas que definem a relevância do informacional a respeito dos usuários, dos repositórios e dos meios de informação. A pergunta crucial é: informação para quem e para quê? Essas perguntas epistemológicas não podem ser desligadas das perguntas éticas. E no centro delas, está a sociedade da informação com suas estruturas e centros de poder (CAPURRO, 2007).

A ONTOLOGIA DIGITAL E AS SUAS PATOLOGIAS

A relação estreita entre cultura e técnica, que caracteriza a ordem social atual, acredita na digitalização como uma capacidade total e final para abordar qualquer fenômeno. Essa visão aplicada ao “ser” cria uma ontologia digital que está sempre em possibilidade de se transformar numa metafísica totalizante. A imaterialização binária do mundo sensorial fratura as realidades e coloca seus fragmentos dentro da órbita digital, afastando-as de qualquer contexto (CAPURRO, 2009a).

O objeto digital volta axiomático e tem existência em si mesmo, tornando-se icônico e facilitando o nascimento de uma metafísica digital autorreferenciada. O contexto é apagado, e, com ele, o sentido referencial dos dados que serve como âncora para o mundo. A ontologia digital, disse Capurro, pensa a rede como código e meio onde acontece o nosso *ser-no-mundo* e a sua forma de se ligar com ele. A estrutura de mensagens de “um-para-muitos”⁹ permite a construção de um ser digital a partir do individualismo.

Essa situação tem como resultado o sujeito que assume a crença do digital como uma ontologia única e inevitável, a metafísica de todas as metafísicas. E dessa impossibilidade de vida sem a presença permanente das TICs, aparecem patologias na forma de custos colaterais (CAPURRO, 2010).

A sobrecarga de informação e as novas formas de interação global e local do século XXI geram doenças particulares: a carga de estresse criada pelas inúmeras alternativas com que a rede satura os usuários, os usos destrutivos das vias de interatividade, como o *ciberbullying*, a superficialidade das relações no que foi chamado de “amor líquido” (BAUMAN, 2004), a coisificação das relações laborais e civis por conta de estruturas de *panopticon* e repressão digital e física (ZUBOFF, 1988; 2013). A partir da analogia máquina, o corpo, a mente, a comunidade e a sociedade são considerados instrumentos mecânicos que respondem à lógica da engenharia.

O sujeito digital, assim como pode comunicar e compartilhar, também sofre uma urgência exibicionista patológica; o imperativo da visibilidade a qualquer custo. Déficit da atenção, hiperatividade, a obsessão com a ubiquidade e o contato 7/24 (sete dias da semana e 24 horas no dia) aparentemente incrementam a produtividade, porém, também invadem a vida privada, o tempo de lazer e da família. A existência da memória coletiva está baseada no acesso ao conteúdo digitalizado, pois se não está na internet, não existe. As possibilidades de liberdade de expressão têm como antagonista as novas capacidades de espionagem, vigilância, propaganda e censura.

Todos os benefícios do horizonte digital são, ao mesmo tempo, todas as patologias possíveis. Elas advertem sobre a importância da análise das tendências emergentes na ontologia digital.

REFLETIR SOBRE A ONTOLOGIA DAS REDES NA AMÉRICA LATINA

No início deste artigo, definia-se ação moral como aquela fundamentada e informada, por meio da qual o sujeito e o coletivo, autônomo e responsável, fazem escolhas, dentro de um tecido sociocultural de estruturas informacionais que suporta estruturas de decisão, em que os juízos mudam as ações. A ação moral individual estaria baseada nas possibilidades de comunicação. Sem a possibilidade de estar informado, de refletir, expressar e mudar a opinião, não pode existir ação moral (CAPURRO, 2011).

⁹ Fica necessário clarificar que a estrutura de “um-para-muitos”, típica da *web 1.0*, parecia superada pela estrutura “muitos-para-muitos” da *web 2.0*. Infelizmente, como tem demonstrado a pesquisa de Hindman (2010), as esperanças de uma rede democratizada foram vítima do poder das grandes multinacionais de mídias, resultado das fusões entre corporações de informática, comunicação e produção de conteúdo. A comunicação “muitos-com-muitos” cai na repetição infinita da produção e do discurso dessas grandes companhias e dos aparelhos de propaganda dos Estados, fenômeno que termina sendo a “a abundante replicação dos discursos de poucos em muitos”.

Essa atividade de reflexão tem que partir do entendimento de que todas as tecnologias de intercâmbio de informação propõem uma ontologia que define seu discurso epistemológico. A arquitetura informacional toma a linguagem para codificá-la e encriptá-la em formas definidas por limites físicos, eletrônicos, lógico-matemáticos, semânticos, socioculturais, econômicos e geográficos, ditados pelos seus criadores. Essa estrutura físico-semiótica-eletrônica-matemática configura redes de micropoder (FOUCAULT, 1973) que lutam contra aquilo que considerem entropia, eliminando ou controlando o dissenso dentro de limites nebulosos. A vida do sistema está em jogo cada vez que quaisquer dos seus agentes tentam mudar as regras. A hermenêutica da internet tem facilitado uma dinâmica de conquista e concentração de poder dentro da sociedade civil. E a “livre concorrência globalizada” converteu-se em um espaço de competência feroz onde somente aqueles bem-sucedidos preservam seu espaço cognitivo (LÉVY, 1994b; 1998b).

Mas, este não é um problema só da internet, pois todas as tecnologias informacionais têm virtudes e vícios. Uma técnica condiciona uma cultura, mas não a determina; não é boa, nem má, nem neutra (LÉVY, 1999). Toda arquitetura informacional tem um discurso, uma ontologia tomada das ontologias dos seus criadores e replicada mecanicamente pelo sistema (MUMFORD, 1987). Daí a importância de um “diálogo de horizontes ontológicos”, uma negociação entre a epistemologia do sistema e a epistemologia do usuário: duas arquiteturas de informação que colidem num momento e lugar. Entender os vieses ideológicos e axiomáticos do sistema, que é “sujeito dominante”, é vital para ser sujeito “ativo”, e não “cativo” da tecnologia. É necessário tomar distância e tentar desconstruir a hermenêutica da ontologia digital (CAPURRO, 2000a).

E para poder rastrear as ontologias digitais e deduzir sua epistemologia, é necessário estabelecer as suas diferenças com a ontologia informacional local. Os espaços de discussão acadêmica e política devem desenvolver esse exercício permanentemente. A ciência da informação, dentro das suas pesquisas, deveria prover os fatos empíricos e suas formas de leitura, para que os nichos de decisão e ação moral possam se nutrir empiricamente. Essa é uma das diferenças entre implantação tecnológica e apropriação tecnológica.

A hermenêutica digital é produto da evolução da sociedade ocidental, concentrada em quatro países: Inglaterra, Alemanha, França e, recentemente, Estados Unidos (BRETON, 1991). Sua substância é a eletricidade, o que define deslocamentos e relacionamentos particulares diante dos meios físicos tradicionais (MCLUHAN, 1969). Sua lógica é a matemática booleana. Os motivadores do seu desenvolvimento foram a revolução industrial e a economia liberal capitalista. As circunstâncias do seu nascimento foram as lutas europeias pelo domínio global e o nascimento de novas potências como a URSS e os EUA, focadas no desenvolvimento científico e industrial. Dentro das entranhas do sistema estão o pensamento moderno e enciclopédico, o mercantilismo e o neocolonialismo. Seu processo de crescimento ontológico facilitou a evolução centrífuga dos novos centros de poder, com a aplicação do biopoder, da biopolítica e do *panopticon* globalizado. Esse sistema alcançou a América Latina durante a expansão corporativa dos EUA no fim do século XX, e se prendeu nesses países como projetos de nação digital no final da década de 1990 (BERRÍO-ZAPATA; JORENTE; SANT'ANA, 2014).

A nova ordem mundial é uma rede de espaços antropológicos,¹⁰ alguns de brilho intenso e expansivo como as metrópoles, interconectadas com espaços menores que agem como satélites subordinados. A estrutura está sustentada pela narrativa do sistema-mundo e a humanidade unificada. Entretanto, a verdade é que a maioria da humanidade fica excluída dessa rede global de integração física e semiótica. Dentro do sistema-mundo, as estruturas de inteligência coletiva se misturam perigosamente com a concentração de poder, o individualismo, o consumismo e a alienação, criando um território excludente e ameaçador (LÉVY, 1994b; KENNY, 2002; MERLE, 2005; GURSTEIN, 2007). Aqueles estranhos à sua hermenêutica, que é a hermenêutica do Ocidente, ficam marginalizados. Seus sistemas sociotécnicos ficam desarticulados dos seus sistemas sociais, e, assim, a apropriação tecnológica inflama os conflitos sociais preexistentes (BRETON, 1991; GILLE, 1999). As mídias digitais poderiam construir tecido conversacional, mas estão sendo utilizadas como mídias de massa e propaganda comercial. As ânsias de lucro e dominação das corporações estão moldando a ontologia da web (BROCKMAN, 1996; BUCY; NEWHAGEN, 2004; GORNY, 2006; HINDMAN, 2010; CAPURRO, 2011).

Ainda desconhecemos o poder real de coletivização que as redes têm. Até onde vai a dinâmica de enxame, a massificação, e até onde vai a decisão política e a ação moral? (ADORNO; HORKHEIMER, 2002; ALEXANDER, 2003; GUTIÉRREZ; PARDO; KLOOS, 2008; ROJAS; PUIG ABRIL, 2009). A internet é uma máquina global complexa, funcionando sob os princípios da cibernética de segunda ordem, que flutua entre polaridades de alienação e liberação, mecanicismo e humanismo, integração e exclusão (FRIEDMANN, 1970; HERBER, 1972; NEDELCOVIC, 1972; MARCUSE, 1998). Diante desses extremos, os governos latino-americanos têm tomado uma perigosa atitude de aceitação passiva, ciberidealismo e internet-centrismo, subestimando a importância de fazer pesquisas próprias para identificar as tendências emergentes na ontologia dos seus cidadãos. Os EUA sabem mais dos processos de avanço digital na América Latina que a própria América Latina (BERRÍO-ZAPATA; JORENTE; SANT'ANA, 2012).

A delimitação entre o sujeito e a máquina é cada vez mais difícil, na medida em que as TICs, dada a convergência tecnológica, a miniaturização, o aumento de poder e a redução de custo, têm evoluído de uma relação complementar para uma relação simbiótica (LICKLIDER, 1960; LÉVY, 1998b). O tecnológico tornou-se teológico; os designers vão além da funcionalidade e criam estéticas tecnológicas (JOBS; GATES, 2007) que favorecem relações eróticas e de culto com os dispositivos informáticos. Moldamos a máquina à nossa semelhança por via da personalização, e desse jeito as máquinas nos moldam por via da disciplina aplicada pelos biopoderes (FOUCAULT, 1973, 2000; WESCH, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a essência da liberdade vem da confrontação do sujeito autônomo com a “realidade objetiva” de uma pluralidade de “sujeitos-parceiros”, autônomos, com seus desejos e interesses próprios, como disse Capurro retomando Axel Honneth

¹⁰ Espaço antropológico é um conceito proposto por Pierre Lévy (LÉVY, 1994a; 1998a) que descreve planos de existência e ritmos do espectro social que compartimentalizam os espaços humanos baseados nas técnicas, nos significados, na linguagem, na cultura, nas conversações, representações e emoções coletivas. Seis aspectos definem esses espaços: identidade, semiótica, figura de espaço e tempo, instrumentos de navegação, objetos de conhecimentos e epistemologias.

(CAPURRO, 2011), então é imprescindível ter clareza sobre as assimetrias de poder que a negociação de significado e a fusão dos “horizontes ontológicos” implicam, especificamente para os territórios da periferia do mundo globalizado. Entender as bases dessas assimetrias é a possibilidade de conservar um “estado de direito”¹¹ onde a parte débil da negociação possa preservar sua identidade.

A “hibridação” é um fato reiterativo no trabalho de Rafael Capurro. Um efeito inegável, e possivelmente inevitável. Porém, a hibridação implica ganhos e perdas que devem ser estrategicamente avaliados.

Este artigo tentou resumir algumas das ideias do extenso trabalho de Rafael Capurro para propor um convite ao desenvolvimento de um debate informado a respeito do desenvolvimento de uma ética própria dentro da ontologia digital dos países “em desenvolvimento”. Os governos das “periferias globais” estão tão preocupados em atualizar seu atraso tecnológico, que têm esquecido de pensar sobre qual será a ontologia digital resultante. A ênfase na educação instrutiva, mas não formativa, deixa os cidadãos desses territórios fracos e sem ferramentas para enfrentar criticamente a ontologia do sistema digital.

Deve-se abrir espaço para o estudo sistemático e empírico das ontologias digitais emergentes na América Latina. Perder a identidade não só é o risco de perder a diversidade cultural que enriquece a humanidade, mas também perder olhares alternativos que poderiam trazer um futuro melhor para todos.

Artigo recebido em 08/07/2015 e aprovado em 09/09/2015.

REFERÊNCIAS

ADORNO, C.; HORKHEIMER, M. A. Indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: _____. (Ed.). *Indústria cultural e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ALEXANDER, M. *The internet in Putin's Russia: reinventing a technology of authoritarianism*. Leicester, UK, 2003. Texto apresentado na Political Studies Association Annual Conference, na University of Leicester.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERRÍO-ZAPATA, C. Entre la Alfabetización Informacional y la brecha digital: reflexiones para una reconceptualización de los fenómenos de exclusión digital. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, v. 35, n. 1, p. 39-53, 2012.

BERRÍO-ZAPATA, C.; JORENTE, M. J. V.; SANT'ANA, R. C. G. Trayectoria tecnológica Web y el orden digital en Latinoamérica: reflexiones históricas desde Brasil. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 37, n. 2, p. 127-140, 2014.

¹¹ O “Estado de Direito” está definido por processos nos quais sujeitos autônomos se reconhecem como livres e capazes de se dar leis universais ou universalizáveis as quais se submetem livremente sem eliminar as diferentes identidades que geram a necessidade desta negociação (HONNETH 1994, p. 32) citado por (CAPURRO, 2011).

_____. Trayectoria tecnológica web y el orden digital en Latinoamérica: reflexiones históricas desde Brasil. *Revista Interamericana de Bibliotecología, Medellín*, v. 37, n. 2, p. 127-140, 2014.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 2003.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. Fundamentos de una teoría de la violencia simbólica. In: _____. (Ed.). *La reproducción: elementos para una teoría del sistema de enseñanza*. Madrid: Editorial Popular, 2001. p. 15-85.

BRETTON, P. *História da informática*: São Paulo: Ed. Unesp 1991.

BROCKMAN, J. *Digerati: encounters with the cyber elite* San Francisco: Hardwired, 1996.

BUCY, E. P.; NEWHAGEN, J. E. *Media access: social and psychological dimensions of new technology use*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.

CAPURRO, R. Hermeneutics and the phenomenon of information. In: MITCHAM, C. (Ed.). *Metaphysics, epistemology, and technology*. New York: JAI: Elsevier, 2000a. p. 79-85. (Research in Philosophy and Technology, 19).

_____. Perspectivas de una cultura digital en Latinoamérica. *DataGramaZero*, v. 3, n. 2, abr. 2000b. Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de Bibliotecología y Documentación, Bogotá, 4-7 de julio del 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abro2/F_I_art.htm>. Acesso em: 19 set. 2015.

_____. Epistemología y ciencia de la información. *Enlace*, v. 4, n. 1, p. 11-29, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.capurro.de/enancib.htm>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Contribución a una ontología digital. III Colóquio Internacional de Metafísica (CIM). Natal, Brasil 2009a.

_____. Intercultural information ethics: foundations and applications. *Journal of Information, Communication & Ethics in Society*, v. 6, n. 2, p. 7-26, 2009b.

_____. La hermenéutica frente al desafío de la técnica digital. *Liinc em Revista*, v. 6, n. 2, 2010. Conferência realizada no Centro de Estudos em Tecnologia, Artes e Comunicação (Cetac) da Universidade do Porto, em 3 dezembro de 2007.

Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/377/241>>. Acesso em: 20 set. 2015.

_____. Medicina 2.0: reflexiones sobre una patología de la sociedad de la información. *Humanistas: humanidades médicas*, n. 47, feb. 2010.

_____. *Información y acción moral en el contexto de las nuevas tecnologías*. Texto apresentado no VII Encontro Internacional de Informação, Conhecimento, Ética e Ação, Universidade Estadual Paulista (Unesp), realizado no campus de Marília, entre 31 de outubro e 3 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.capurro.de/marilia.html>>. Acesso em: 19 set. 2015.

COASE, R. *The firm the market and the law*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

COMMONS, J. Economía institucional. *Revista de Economía Intitucional*, v. 5, n. 8, p. 189-201, primero semestre 2003.

DELEUZE, G. What is a dispositif? In: ARMSTRONG, T. J. (Ed.). *Michel Foucault, philosopher: essays*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1992.

- FOERSTER, H. V. *Las semillas de la cibernética: obras escogidas*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1991.
- FOUCAULT, M. Conferencia V. In: PUCRJ (Ed.). *A verdade e as formas jurídicas: conferência de Michel Foucault na PUC-Rio de 21 a 25 de maio de 1973*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2002.
- _____. *Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión*. Madrid: Siglo XXI de España, 2000.
- FRIEDMANN, G. *El hombre y la técnica*. Barcelona: Ariel, 1970. Edição espanhola de *Sept études sur l'homme et la technologie* (Paris: Gonthier, 1966).
- GILLE, B. *Introducción a la historia de las técnicas*. Barcelona: Editorial Crítica, 1999.
- GORNY, E. *A creative history of the Russian internet*. 2006. Tese (Doutorado em Mídia e Comunicação) – Goldsmiths College, University of London, London.
- GURSTEIN, M. *What is community informatics and why does it matter?* Milano: Polimetrica, 2007.
- GUTIÉRREZ, S.; PARDO, A.; KLOOS, C. D. Swarm intelligence applications for the internet. In: FREIRE, M. M.; PEREIRA, M. (Ed.). *Encyclopedia of internet technologies and applications*. New York: Information Science Reference, IGI Global, 2008. p. 600-605.
- HAHN, T. B.; BUCKLAND, M. K. *Historical studies in information science*. Medford NJ: Information Today.
- HENRY, C. Investment decisions under uncertainty: the "irreversibility effect". *The American Economic Review*, v. 64, n. 6, p. 1.006-1.012, 1974.
- HERBER, L. *Hacia una tecnología liberadora*. In: HERBER, L. et al. (Ed.). *Anarquismo y tecnología*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1972. p. 9-69.
- HINDMAN, M. *The myth of digital democracy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2010.
- JOBS, S.; GATES, B. D5 Conference all things digital: Steve Jobs & Bill Gates on their contributions to technology in USA. New York: The Wall Street Journal Executive Conference, 2007. Disponível em: < <http://www.wsj.com/video/bill-gates-and-steve-jobs-at-d5-full-session/60C4F9FA-9AD5-4D04-8BB6-015AEBB1C052.html> >. Acesso em: 15 Feb. 2015.
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica: journal of the Econometric Society*, v. 47, n. 2, p. 263-292, Mar 1979.
- KENNY, C. Information and communication technologies for direct poverty alleviation: costs and benefits. *Development Policy Review*, v. 20, n. 2, p. 141-157, 2002. Disponível em: <<http://charleskenny.blogs.com/weblog/files/devpolrevpovertypapfinal.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática*. São Paulo: Editora 34, 1994a.
- _____. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1994b.
- _____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998a.
- _____. *A máquina universo*. Porto Alegre: Artmed, 1998b.

- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LICKLIDER, J. C. R. Man-computer symbiosis. *IRE Transactions on Human Factors in Electronics*, n. 1, p. 4-11, Mar. 1960.
- LUHMANN, N. *Organización y decisión, autopoiesis, acción y entendimiento comunicativo*. México: Anthropos Editorial, 2005.
- LYOTARD, J. F. *La condición postmoderna: informe sobre el saber*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.
- MARCUSE, H. Some social implications of modern technology. In: KELLNER, D. (Ed.). *Technology, war, and fascism*. London: New York: Routledge, 1998. cap. 1, p. 39-66.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *De máquinas y seres vivos: autopoiesis, la organización de lo vivo*. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1994.
- MCCRANK, L. J. *Historical information science: an emerging unidiscipline*. Medford, NJ: Information Today, 2001.
- MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media). Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MERLE, E. *Economic realities of ICT in development*. Darwin, Australia: KeyNet Consultancy. 2005. p. 1-8.
- MORIN, E. *El método III: el conocimiento del conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1988.
- MOROZOV, E. *The net delusion: the dark side of internet freedom*. New York: PublicAffairs, 2012.
- MUMFORD, L. *Técnica y civilización*. Mexico D.F.: Alianza Universidad, 1987.
- NEDELCOVIC, B. Automatización y trabajo. In: HERBER, L. et al. (Ed.). *Anarquismo y tecnología*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1972. p. 9-69.
- NORRIS, P.; INGLEHART, R. *Cosmopolitan communications: cultural diversity in a globalized world*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009.
- RIEUSSET-LEMARIÉ, I. P. Otlet's mundaneum and the international perspective in the history of documentation and information science. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 48, n. 4, p. 301-309, 1997.
- ROJAS, H.; PUIG ABRIL, E. Mobilizers mobilized: information, expression, mobilization and participation in the digital age. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 14, n. 4, p. 902-927, 2009.
- ROSS, S. A. The economic theory of agency: the principal's problem. *The American Economic Review*, v. 63, n. 2, p. 134-139, 1973.
- SARACEVIC, T. The concept of "relevance" in information science: a historical review. In: _____. (Ed.). *Introduction to information science*. New York: R. R. Bowker, 1970. p. 111-151.
- _____. Relevance: a review of and a framework for the thinking on the notion in information science. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 26, n. 6, p. 321-343, 1975.
- _____. Relevance: a review of the literature and a framework for thinking on the notion in information science. Part III: Behavior and effects of relevance. *Journal of*

the American Society for information Science and Technology, v. 58, n. 13, p. 2.126-2.144, Nov. 2007.

SERRES, M. H. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SIMON, H. A. *Models of bounded rationality*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1997. v. 3.

SIMON, H.; MARCH, J. G. *Organization*. New York: John Wiley & Sons, 1958. v. 3.

TALJA, S.; TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. "Isms" in information science: constructivism, collectivism and constructionism. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 79-101, 2005.

TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R.; TALJA, S. Information Literacy as a sociotechnical practice. *The Library Quarterly*, v. 75, n. 3, p. 329-345, July 2005.

WESCH, M. The machine is us/ing us: "web 2.0" in just under 5 minutes. St. George, Kansas, 2007. Vídeo. Disponível em: <<http://mediatedcultures.net/videos/the-machine-is-using-us-final-version/>>

WILLIAMSON, O.; MASTEN, S. E. *The economics of transaction costs*. Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 1999.

ZUBOFF, S. *In the age of the smart machine: the future of work and power*. New York: Basic Books, 1988.

_____. Be the friction: our response to the new *Lords of the ring*. *Frankfurter Allgemeine*, Frankfurt, 25 Jun. 2013. Feuilleton.